

<http://dx.doi.org/10.15202/1981996X.2015v9n1p58>

(MEIO) AMBIENTE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: A COMPLEXIDADE DO COMPLEXO DO ALEMÃO

Renata Michelli Ferretti

Mestranda em Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Kátia Eliane Santos Avelar

Doutora em Microbiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Coordenadora do Laboratório de Referência Nacional para Leptospirose da
Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Antonio Luis dos Santos Lima

Doutor em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Professor do Instituto Militar de Engenharia (IME), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Maria Geralda de Miranda

Pós-doutora em Ciências Humanas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Pós-doutora em Linguística, Letras e Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

As favelas cariocas viraram o centro das atenções após a pacificação. Asfalto e morro se interligaram e interagiram. Se antes o tráfico armado impedia essa aproximação, com a presença da polícia esses locais passaram a ser frequentados e procurados por pesquisadores e turistas. Com a Copa e as Olimpíadas, esse olhar se intensificou ainda mais, colocando a questão da Segurança Pública no palco principal das discussões. Este artigo objetiva entender o Complexo do Alemão, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro a partir de três eixos temáticos: (meio)ambiente, trabalho e educação. O primeiro relaciona-se ao local (“ambiente”) e ao meio ambiente do Complexo do Alemão, e como ele foi se alterando no tempo a partir das ocupações. O segundo, trabalho, após o entendimento de seus pressupostos e conceituação, busca entender a condição econômica da população local. O terceiro e último, educação, ocupa-se em analisar o aspecto educacional na comunidade referida e sua relação ensino-aprendizado.

Palavras-Chave: Complexo do Alemão. Trabalho. Educação. Meio ambiente.

ENVIRONMENT, LABOR AND EDUCATION: THE COMPLEXITY OF COMPLEXO DO ALEMÃO

ABSTRACT

Rio's favelas have become the center of attention after the pacification. “Asfalto” and “morro” are connected. If before the armed trafficking avoided this proximity, with police presence these places have become popular and frequented by researchers and tourists. With the World Cup and the Olympics, the issue of Public Security is at the main stage of the discussions. This article aims to understand the Complexo do Alemão, located in the north zone of the city of Rio de Janeiro from three themes: environment, labor and education. The first one relates to the local and the environment of the Complexo do Alemão, and how it was changing in time with the

occupations. The second, labor, after understanding its assumptions and conceptualization seeks to understand the economic condition of the local population. The third and final one, education, analyses the educational aspect of that community and its teaching-learning relationship.

Keywords: Complexo do Alemão. Labor. Education. Environment.

1 COMPLEXO DO ALEMÃO: A COMPLEXIDADE DO (MEIO)AMBIENTE

No início do século XX, com a Europa destruída após a Primeira Guerra Mundial, o polonês Leonard Kaczmarkiewicz mudou-se para uma propriedade com aproximadamente três quilômetros de extensão, na Serra da Misericórdia, Rio de Janeiro. A localidade, na época, era rural e possuía nascentes com águas límpidas e vegetação abundante. Leonard, em função da sua descendência, ganhou o apelido de alemão (PAC).

Na década de 40, com a chegada de indústrias na região, o polonês loteou suas terras e vendeu aos empregados dessas empresas. A principal era o Cortume Carioca, na Penha, que chegou a empregar três mil funcionários. A abertura da Avenida Brasil, em 1946, fez com que mais indústrias procurassem a localidade e investissem em novos empreendimentos, atraindo trabalhadores e imigrantes nordestinos para o local, logo transformado em polo industrial. Este rótulo permaneceu até os anos 80. Na década seguinte, essas empresas se mudaram para outras áreas do Rio de Janeiro ou encerraram suas atividades em função do alto índice de violência e criminalidade (PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO, [2013?]; UPPSOCIAL, 2014; VELLOSO; PASTUK; DEGANI, 2013, p. 187).

O Alemão, reconhecido como bairro em 1993 (NERY; FLAESCHEN, 2010), é composto por quinze comunidades: Itararé, Joaquim de Queiróz, Mourão Filho, Nova Brasília, Morro das Palmeiras, Parque Alvorada, Relicário, Rua 1 pela Ademas, Vila Matinha, Morro do Piancó, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Estrada do Itararé, Morro do Alemão e Armando Sodré (Programa UPP Social). O ambiente do Complexo do Alemão, por muitos anos, relacionou-se à violência em função dos constantes conflitos entre policiais e traficantes; à criminalidade pela presença do tráfico armado; ao medo velado de não saber como encontrará o “clima” na comunidade e, principalmente, pela degradação ambiental em função do povoamento não planejado.

A antiga Serra da Misericórdia cedeu lugar ao espaço conhecido como Relicário (uma ocupação informal que deu origem à Favela de mesmo nome) e a maioria das nascentes deixaram de existir. Conforme o livro “Favela como Oportunidade”, “os mananciais existentes no entorno da Serra viraram valas de esgotos (ou valões) sem tratamento” (VELLOSO; PASTUK; DEGANI, 2013, p. 378). Como Peter Singer já afirmou, “existem certas coisas que, depois de perdidas, não podem ser recuperadas por dinheiro algum” (SINGER, 1998, p. 285). O meio ambiente é uma delas. O desmatamento da vegetação nativa e a poluição de nascentes são erros irreparáveis num ambiente denso como o de favela. Percebe-se, claramente, que a conservação da biodiversidade, neste local, não esteve em harmonia com as necessidades dos povos como Ignacy Sachs indica que deveria ser (SACHS, 2002, p. 53). Infelizmente, no Complexo do Alemão o “ecodesenvolvimento”, explicado por Sachs como o requerimento “do planejamento local e participativo, no nível micro, das autoridades locais, comunidades e associações de cidadãos envolvidas na proteção da área” (SACHS, 2002, p. 73) não ocorreu.

O território cresceu de forma desordenada e sem um planejamento em relação à infraestrutura. As construções irregulares dominaram o espaço: a laje se tornou sinônimo de terreno a ser construído; as ruas carroçáveis foram substituídas por becos e vielas; calçadas deixaram de existir. O medo imposto pelo tráfico armado impossibilitou e reduziu os investimentos públicos nesse local, fortalecendo a ideia de que a situação chegou às proporções atuais em função do abandono do Estado.

Em consequência da precariedade das infraestruturas e da ocupação do solo não planejada, a população residente no Alemão está exposta aos vários riscos sociais e ambientais, como a possibilidade de deslizamento e alagamento de suas casas. Outro agravante é o tratamento inadequado do lixo e do esgoto, que resulta em ambiente propício à proliferação de doenças de veiculação hídrica, assim como a falta de ventilação e iluminação das moradias, que pode aumentar a incidência de doenças respiratórias. Por outro lado, o crescimento urbano espontâneo e não planejado, ressaltado pelo fato de se tratar de áreas de alta declividade, levou à dificuldade de acesso e à redução da mobilidade (NERY; FLAESCHEN, 2010).

Em novembro de 2010, o Complexo do Alemão foi ocupado pelas forças de pacificação. Após dois anos, a comunidade ganharia quatro Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs): Nova Brasília e Fazendinha instaladas no dia dezoito de abril de 2012, Adeus/Baiana em onze de maio de 2012 e Alemão, no dia trinta de maio de 2012 (UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA, 2014; UPPSOCIAL, 2014). A área de risco passou ser visitada por turistas do mundo inteiro, curiosos em conhecer a comunidade e passear no teleférico. “A ética, portanto, consiste nisto: no fato de eu vivenciar a necessidade de pôr em prática o mesmo respeito pela vida, e de fazê-lo igualmente, tanto com relação a mim mesmo quanto no que diz respeito a tudo que deseja viver” (SINGER, 1998, p. 294).

A pacificação não foi sinônimo de total segurança. Alguns traficantes ainda estão escondidos na favela e é comum encontrar becos de fumo em vielas, mesmo com o tráfico supostamente desarmado, os tiroteios e manifestações pela morte de moradores ainda se fazem presente. Lideranças e atores locais buscam desfazer essa imagem publicada em páginas policiais e construir uma nova, com o objetivo de aproximar *morro* e *asfalto*, voltada para o que o Alemão tem de melhor: teleférico, culinária, biblioteca, quadras com campeonatos e, futuramente, o maior *bike park* (parque de ciclismo) do país (BIKE..., 2014).

2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO ALEMÃO

A palavra trabalho possui diversos significados, demonstrando a amplitude de seu conceito. Além disso, pode estar relacionado, diretamente, à produção mecânica ou intelectual; ao esforço, dor, sacrifício, mas também ao prazer e a satisfação.

No dicionário aparece em primeiro lugar o significado de aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar determinado fim; atividade coordenada de caráter físico ou intelectual, necessária a qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; exercício dessa atividade como ocupação permanente, ofício, profissão (ALBORNOZ, 2004, p. 9).

Após a Revolução Industrial, o trabalho não havia uma organização ou escala. Tanto o conhecimento quanto a tecnologia eram particionadas. O Fordismo estipulou o tempo, os métodos e a sistematização do trabalho voltado para o aumento da produção. Nesse período surgiram os primeiros sindicatos e as leis trabalhistas, após os funcionários perceberem que as fábricas parariam sem a sua força de trabalho.

O termo Fordismo foi criado, em 1914, pelo Henry Ford e relaciona-se à produção em massa e iguais. O Fordismo surgiu com o objetivo de superar a produção artesanal (força de trabalho qualificada). Esse modelo de “produção em massa, em que mão-de-obra sem especialização é posta a trabalhar em máquinas de tarefa única a fim de produzir bens padronizados, constituiu apenas uma parte da história do industrialismo” (KUMAR, 2006, p. 81). Ao lado desse tipo de produção sempre coexistiu a produção artesanal, no qual o trabalhador operava máquinas de multifinalidades e os produtos eram especializados e em produzidos em quantidades limitadas, no sentido de estabelecer o ritmo e determinar os objetivos da produção (KUMAR, 2006, p. 81).

O pós-fordismo surgiu com uma nova organização do trabalho e, principalmente, de produção. Ao invés de propor uma produção em massa, apresenta uma proposta baseada na flexibilidade. Os bens são voltados para cliente final e produzidos por processos de fluxos contínuos, pois as indústrias trabalham com estoque reduzido.

Atualmente, a produção é reversa a de larga escala, pois os consumidores estão buscando produtos cada vez mais exclusivos e mecanicistas, mesmo que se pague um alto preço por isso. Outra característica do mercado atual é do homem dominar o seu tempo de trabalho. Algumas empresas estão fazendo com que o funcionário determine o seu horário de entrada e saída, dispõem de salas de jogos e de descanso como forma de diminuir o estresse e estimular a criatividade.

O trabalho evoluiu e mudou ao longo dos anos. Essas modificações interferiram diretamente na Divisão Internacional do Trabalho devido à forte influência do capitalismo nos países. Os países asiáticos eram responsáveis pela maior parte produção mundial, mas com a Revolução Industrial esse cenário mudou, transformando os países ocidentais como os maiores produtores, em especial a Inglaterra. Posteriormente, houve um deslocamento da Europa para os Estados Unidos. Com o avanço do capitalismo, as nações se tornaram assimétricas em relação ao trabalho, grau de expansão e na produção e consumo de produtos e serviços, favorecendo o aumento da desigualdade social. A “capacidade de absorver uma maior ou menor quantidade de trabalhadores não depende exclusivamente do grau de expansão de cada país, mas do padrão de desenvolvimento econômico nacional” (POCHMANN, 2000, p. 3).

Há, atualmente, no Complexo do Alemão, 18.226 domicílios e 60.555 habitantes. Deste total, 71.4% ganham até um (1) salário-mínimo por mês, 19.3% ganham de um (1) a dois (2) salários, e apenas 2.6% ganham mais do que dois (2) salários-mínimos de acordo com os dados do Instituto Pereira Passos e do Censo Demográfico de 2010 do IBGE. Estes percentuais mostram a vulnerabilidade social e econômica da população desta região. Somado a isto, o Complexo do Alemão é marcado pela desigualdade de renda entre homens e mulheres. Enquanto 63 homens ganham até meio salário-mínimo, este número sobe para 341 em se tratando das mulheres. E nos melhores cenários, das pessoas que ganham de dois (2) a três (3) salários, 1.069 são homens enquanto que apenas 197 mulheres têm este rendimento (Instituto Pereira Passos e Censo Demográfico de 2010 do IBGE). Com relação à atividade econômica, cerca de 6 mil pequenos empreendimentos existem no local, fortemente concentrados no setor terciário.

Ainda assim, entre os moradores do Alemão que trabalham, raros são os que consideram possuir um bom emprego (formalizado, com salário adequado e carteira assinada). Em geral, as razões apontadas são a baixa escolaridade, o acesso restrito a cursos técnicos e profissionalizantes e universidades. Soma-se, a estas características, o preconceito por morarem em uma favela (PAC) e a dúvida sobre “como se pensar a formação profissional em um mundo onde cresce o desemprego e onde a situação de trabalho é cada vez mais incerta” (FRANCO, 2011, p. 100), sendo isso agravado em um local empobrecido e excluído historicamente.

Conforme Maria Ciavatta Franco, “o Brasil enfrenta o desafio de começar a reestruturação produtiva pela “reestruturação social” (FRANCO, 2011, p. 120). Ao se estudar o tema trabalho em um contexto de favela, tal citação torna-se ainda mais relevante e aponta para a dificuldade maior dos excluídos socialmente de encontrar um emprego digno. O desemprego, segundo Paul Singer, “é uma das mais importantes formas de exclusão social” (SINGER, 2001, p. 62), e, dentre todas as formas possíveis de exclusão social, há uma fundamental: “a exclusão econômica”, que, nas palavras do autor, “é a forma mais ampla, e suas vítimas estão provavelmente excluídas da maioria das outras redes sociais” (SINGER, 2001, p. 63). Isto é notório e conhecido no Complexo do Alemão.

3 A EDUCAÇÃO NO ALEMÃO

A educação sempre foi alvo de discussões, pois ninguém escapa do processo ensino-aprendizagem. Os animais aprendem a mamar, comer, a atender pelo nome e a pedir carinho. O ensino se inicia nos primeiros anos de vida do ser humano. Ele não depende da escola e do ensino institucionalizado para aprender. Esse processo de ensino-aprendizagem acontece naturalmente ou através de estímulos.

Segundo Rodrigues (2007, p. 9), não “há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

As nações, culturalmente distintas, possuem percepções diferentes das coisas e do ensino-aprendizado. Assim como cada sociedade possui seus costumes e crenças. “Existe educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram” (RODRIGUES, 2007, p. 9-10). Transformando a cultura social e construindo uma rede heterogênea e unificada de costumes, culturas e saberes. Desta forma, a educação pode ser analisada com o modo de vida de um determinado ciclo populacional, pois inventa ou copia estilos de vida, cria os saberes dos homens, legitima suas crenças com através da contação de histórias. Se a sociedade é mutável, a educação também será.

Educação, do Latim *educare*, significa extrair, tirar e desenvolver. Consiste na formação do homem de caráter. Ela não pode ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É um processo que começa no nascimento e se estende até a morte. A sua missão “é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor” (RODRIGUES, 2007, p. 12).

As pessoas a quem a educação serve não são consultadas como ela deveria ser. Na favela, por exemplo, ela chega pronta através do livro e da lição. Não há uma discussão de como poderia contribuir para o meio no qual ela está inserida, não busca a participação comunitária. Este

espaço é construído para a formação de uma sociedade e do saber e deve ser democratizada, isto é, de e para todos. A escola tem muito o que desenvolver, mas os desafios ainda são enormes.

Atualmente, diversos autores propõem a interdisciplinaridade como metodologia nas escolas e a interlocução dos saberes e a hibridação do conhecimento, pois reunirá todos esses conhecimentos em torno de um assunto, desta forma, haverá um estudo macro, pois haverá uma comunicação e uma interligação entre as áreas envolvidas. A interdisciplinaridade é “entendida como a articulação de diversas disciplinas para melhor compreender e gerir situações de acomodação, tensão ou conflito explícito entre as necessidades, as práticas humanas e as dinâmicas naturais” (FLORIANI, 2000, p. 110).

Reunir várias disciplinas não quer dizer que há interdisciplinaridade. Um grupo pode trabalhar individualmente na sua área, sem se envolverem no processo, enquanto que uma pessoa sozinha pode costurar vários assuntos e alcançar esse propósito. A interdisciplinaridade independe do número de pessoas relacionadas.

O cenário do Complexo do Alemão, em que o poder legalmente constituído não chegava à região dominada por uma força paralela associada ao tráfico, as pessoas da comunidade foram atingidas em seus direitos básicos, como o acesso a uma educação de qualidade. Esta foi bastante prejudicada na região do Alemão, pois quando havia trocas de tiro entre traficantes e policiais as aulas eram logo suspensas.

Pesquisa realizada pela organização não-governamental Centro de Promoção da Saúde (Cedaps) no Complexo do Alemão, com apoio do Unicef, revelou que a comunidade avalia a escola pública como oferecendo um ensino de baixa qualidade. Faltam professores, não existem atividades extracurriculares e de lazer, e o aprendizado é deficiente. A violência faz com que os pais, os estudantes e os educadores tenham que se submeter à dor e ao medo, e conviver com o risco à integridade física e de problemas ligados à saúde mental, com a perda dos dias letivos, a quebra na rotina educacional, a desconcentração, a dificuldade de acesso às unidades escolares e de moradia, o que resulta em prejuízos à aprendizagem. (CARREIRA; CARNEIRO, 2007, p. 35).

Pode-se concluir que o “direito à educação, garantido pela Constituição Federal, ainda não é uma realidade para toda a população do Complexo do Alemão” (PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO, [2013?]). Algumas reclamações de moradores, segundo o Cadernos de Resultados do PAC, são: os jovens precisarem se deslocar para escolas distantes, em função de não existir uma quantidade maior que atenda à demanda da localidade; necessidade de construção de mais creches comunitárias para que as mães possam trabalhar; existência da carência de cursos técnicos e profissionalizantes no Alemão e a melhoria na qualidade do ensino.

Com o investimento do PAC no Complexo do Alemão, escolas, teleférico, UPA e conjuntos residenciais foram construídos, remodelando a aparência do local. Um importante investimento foi a inauguração do Colégio Estadual Jornalista Tim Lopes com instalações modernas e equipamentos audiovisuais. Mas paira até hoje no ar a pergunta de Alan Brun: “Qual é a oferta que o poder público pode dar, mas não só em prédios e vagas, e sim na qualidade do ensino? Discutir formas de participação na construção do projeto político pedagógico nas escolas” (VELLOSO; PASTUK; DEGANI, 2013, p. 202). Segundo informações publicadas no site Armazém de Dados do Instituto Pereira Passos, o Complexo do Alemão apresentou um aumento considerável de 2005 a 2011 em relação ao índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB). Os índices foram:

2005, 4.1; 2007, 4.5; 2009, 4.6 e 2011, 5.2 (INSTITUTO PEREIRA PASSOS, 2014). Esta informação é relevante, pois apresenta uma melhora considerável na educação após o processo de pacificação e implantação da UPP, e isto certamente terá um impacto considerável no futuro das crianças que hoje estão tendo melhores condições de ensino. A tendência é que estas tenham melhores e mais oportunidade de trabalho e que vivam em um ambiente mais harmônico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COMPLEXIDADE DO COMPLEXO

O desenvolvimento local está intrinsecamente relacionado à visão do global, mas essa dicotomia não sobressai muito numa sociedade globalizada.

Considerando que o «local» não é um dado, mas uma construção, trata-se de um processo de auto instituição territorial, no qual a população se constitui em sujeito ativo que desenha o território (constrói o local) a partir do reconhecimento de suas identidades. [...] É também nesse sentido que o desenvolvimento local é entendido como processo construído «de baixo para cima» e «de dentro para fora» (SILVEIRA, 2010, p. 49).

A informação compartilhada e de fácil acesso em função da internet e as pessoas interligadas em rede reforça a globalização. A “rede permite múltiplos laços de realimentação, em vez de se constituir a partir de cadeias simples de causa e efeito” (SILVEIRA, 2010, p. 50). O Estado, na maioria das vezes, está presente no âmbito local, principalmente através de uma nova política de gestão compartilhada e participativa dos espaços públicos. A comunidade passa a ter gerência também na manutenção e na conservação dessas áreas, possibilitando que moradores se tornem atores locais no território. O “desenvolvimento local é visto de forma indissociável da construção e manutenção de novas dinâmicas democrático-participativas” (SILVEIRA, 2010, p. 47).

Edgar Morin (2011) realizou um estudo sobre os pensamentos simples e complexo. O primeiro caracteriza-se pela simplificação das coisas, é uma parte do pensamento e ele nem sempre reflete a verdade; já o complexo é um pensamento mais aprofundado, claro, profundo, exato e muito próximo da realidade. O pensamento complexo propõe a conciliação dos contrários e propõe um diálogo entre as partes, entre os opostos. Muitos academicistas rejeitam a complexidade porque o simples é mais fácil.

A complexidade do Complexo justifica-se por suas particularidades. Voltar o olhar para o Alemão é pesquisar e entender que a sua totalidade não existe e, muito menos, fazer generalizações. Simplificá-lo é deixar de abordar percepções importantes, pois deixa de olhar o todo e de perceber que tudo está relacionado. A palavra complexidade suporta “uma pesada carga semântica, pois traz em seu seio confusão, incerteza e desordem. [...] A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução” (MORIN, 2011, p. 5-6).

Em relação ao Complexo do Alemão pode-se “dizer que o que é complexo diz respeito, por um lado, ao mundo empírico, à incerteza, à incapacidade de ter certeza de tudo, de formular uma lei, de conceber uma ordem absoluta” (MORIN, 2011, p. 68). O Complexo do Alemão é tão complexo por si só que se torna impossível conceber uma “ordem absoluta” que seja capaz de perceber e explicar todas as características e tendências do local. A partir da análise dos eixos – (meio)ambiente, trabalho e educação – foi possível verificar a conexão entre os três a partir do território como local onde a vida dos moradores acontece.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BIKE Park será construído no Complexo do Alemão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 abr. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bike-park-sera-construido-no-complexo-do-alemao-12303051>>. Acesso em: 1 jul. 2014.

CARREIRA, D.; CARNEIRO, S. **Violência dos direitos educativos da comunidade do Complexo do Alemão**: Rio de Janeiro. São Paulo: Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação, 2007. Disponível em: <<http://www.cedaps.org.br/wp-content/uploads/2013/07/relatoriocompletomissaoacomplexoalemao.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

FLORIANI, D. Marcos conceituais para o desenvolvimento da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, A. **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. p. 95-110.

FRANCO, M. C. Formação profissional para o trabalho incerto: um estudo comparativo Brasil, México e Itália. In: FRIGOTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 100-137.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Armazém de Dados**: tabela 2640: índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) das séries iniciais. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011

NERY, M; FLAESCHEN, M. O Ipea sobe o morro. **IPEA**: desafios do desenvolvimento, Brasília, DF, 19 nov. 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1298:reportagens-materias&Itemid=39>. Acesso em: 1 jul. 2014.

POCHMANN, M. **Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho**. Campinas: [S.I.], 2000. Disponível em: <<http://decon.edu.uy/network/panama/POCHMANN.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2014.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO. **Complexo do Alemão**: relatório do plano de desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro, [2013?].

RODRIGUES, C. **O que é educação?**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SACHS, I. (Org.). **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SILVEIRA, C. Desenvolvimento local e novos arranjos socioinstitucionais: algumas referências para a questão da governança. In: DOWBOR, L.; POCHMANN, M. (Org.). **Políticas para o desenvolvimento local**. São Paulo: Perseu Abramo, 2010. p. 41-66.

SINGER, P. **Ética prática**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SINGER, P. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2001.

UNIDADE DE POLÍCIA PACIFICADORA. **Histórico**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.upprj.com/index.php/historico>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

UPPSOCIAL. **Complexo do Alemão**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.upsocial.org/territorios/complexo-do-alemao/?secao=inicio>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

UPPSOCIAL. **Complexo do Alemão**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.upsocial.org/territorios/complexo-do-alemao/>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

VELLOSO, J. P. R.; PASTUK, M.; DEGANI, A. P. (Coord.). **Favela como oportunidade**: plano de desenvolvimento de favelas para a sua inclusão social e econômica. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos, 2013.

Recebido em: 2 mar. 2016.

Aprovado em: 3 mar. 2016.